

BILINGUISTO: DIFERENTES DEFINIÇÕES, DIVERSAS IMPLICAÇÕES*

Elizabete Villibor FLORY (Doutora pelo Instituto de Psicologia – USP; beteflory@hotmail.com ou elizabete.flory@uol.com.br)

Maria Thereza Costa Coelho de SOUZA (Professora Associada Instituto de Psicologia USP; mtdesouza@usp.br)

RESUMO: A definição de Bilinguismo não é um consenso aceito por todos. Apresentamos alguns conceitos de Bilinguismo, partindo de definições gerais para definições segundo critérios específicos, combináveis entre si, como “idade de aquisição de segunda língua”, “manutenção de primeira língua”, “status das línguas envolvidas”. Mostramos como cada critério pode estar relacionado a diferentes conseqüências em contextos específicos. Salientamos a importância de especificar o tipo de Bilinguismo ao se produzir, divulgar e interpretar pesquisas sobre o tema. Um mesmo indivíduo pode ser classificado de acordo com diferentes critérios simultaneamente, e que o Bilinguismo de um sujeito está em constante transformação.

PALAVRAS-CHAVE: Bilinguismo; Definições; Critérios.

ABSTRACT: *There isn't a universally accepted definition of Bilingualism. We present some concepts of Bilingualism, exposing first general definitions and subsequently definitions according to specific criteria that can be combined to each other, like "age of second language acquisition", "maintenance of the first language", "status of the languages". We explain briefly how each criteria can lead to different consequences in specific contexts. It is important to specify the type of Bilingualism when conducting, interpreting and divulgating researches on this theme. The same individual can be classified according to different criteria simultaneously, and the Bilingualism of the individual is in constant transformation.*

KEY-WORDS: *Bilingualism; Definitions; Criteria.*

* Este artigo é uma síntese de parte do primeiro capítulo da tese de doutorado intitulada “Influências do Bilinguismo Precoce sobre o desenvolvimento infantil: uma leitura a partir da teoria da equilíbrio de Jean Piaget”, elaborada por Elizabete V. Flory, sob orientação da Professora Associada Maria Thereza C. C. de Souza, defendida em março/2009, com apoio do CNPq.

0. Introdução: Por que se estudar o tema "Bilinguismo"?

Nos dias de hoje, vivenciamos uma internacionalização sem precedentes, impulsionada por uma globalização crescente de indústrias e comércio (por exemplo, indústrias com sede oficial em um país cuja produção é feita em outro, e os clientes potenciais vivem em um terceiro país), por uma revolução nas comunicações eletrônicas (a internet, que possibilita a comunicação com qualquer parte do mundo de forma fácil, rápida e acessível), por migrações voluntárias de pessoas de um país para outro e, ao mesmo tempo, por um movimento de revitalização de línguas minoritárias (Genesee, 2004).

Nesse contexto, uma boa possibilidade de comunicação em outras línguas é uma competência que, sem dúvida, tem relevância em diversos níveis. Por exemplo, num nível pessoal, possibilita a interação com pessoas de outros países e culturas, o que pode significar desde o diálogo possível com parentes e família estendida, como novas amizades e relacionamentos pessoais. O contato com outras culturas pode ampliar nossa forma de ver o mundo, proporcionando experiência de vida, cultura geral e possivelmente erudição, entre outros fatores. Num nível profissional, abre as portas para o estudo e trabalho em outros países, bem como para oportunidades de estudo e de trabalho em seu próprio país que requeiram competência em outra língua, por exemplo.

Segundo Wei (2000/2006¹), pessoas que crescem em uma sociedade na qual o monolinguismo e a uniculturalidade são promovidos como o modo normal de viver, freqüentemente pensam que o bilinguismo existe somente para poucas pessoas. Muitas vezes, um país é oficialmente monolíngüe, mesmo existindo uma grande diversidade de línguas utilizadas dentro de seu território. Por exemplo, segundo o IPOL (Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística), o Brasil tem 220 línguas diferentes, das quais 180 são indígenas, 30 são línguas de emigração e duas, línguas de sinais.

Wei (2000/2006) esclarece ainda que, na verdade, um terço das pessoas do mundo utilizam mais de uma língua para se comunicar e que, se computarmos como bilíngües também as pessoas que aprendem uma língua estrangeira na escola e só a utilizam para propósitos específicos, então o número de monolíngües seria muito menor do que o de bilíngües. *Se computarmos como bilíngües...* nesse ponto, já se coloca a questão: o que estamos considerando como ser bilíngüe? Ou,

¹ As citações feitas no texto, assim como as referências bibliográficas a seguir, indicam sempre, quando pertinente, o ano da edição original/ ano da edição consultada, pois consideramos importante para o leitor a informação sobre o ano em que obra foi originalmente escrita. As páginas citadas referem-se à edição consultada.

existiria uma definição única ou um consenso geral sobre o significado do termo bilinguismo?

Europa, Canadá e EUA, por exemplo, vivem uma situação na qual a diversidade cultural, étnica e linguística é uma realidade a ser administrada no dia-a-dia. Tal diversidade reflete-se na educação, e é crescente a procura pela educação bilíngue. Por exemplo, a FMKS (*Verein für frühe Mehrsprachigkeit an Kindertageseinrichtungen und Schulen e.V.*²), em recente publicação sobre a repercussão de um evento sobre Bilinguismo na Educação Infantil e no Ensino Fundamental (10/05/07³), divulga o aumento do interesse por escolas de imersão em inglês na Alemanha, bem como a necessidade de se proporcionar ensino multilíngüe para crianças que vivem na Comunidade Européia.

Há países, como o Canadá, a Suíça e a Índia, que são oficialmente bi ou multilíngües, configurando-se o bilinguismo a norma, e não a exceção.

Voltando ao contexto brasileiro, antigamente as escolas bilíngues eram procuradas principalmente por famílias de imigrantes que desejavam que seus filhos crescessem em contato com sua cultura de origem (como alemães, franceses, italianos), ou por imigrantes em trânsito, ou seja, famílias que vinham passar um período limitado no Brasil, e depois se mudariam para outros países. Esse público procurava geralmente as escolas internacionais, com currículos britânicos e/ou americanos.

Atualmente, é crescente o número de pais brasileiros que escolhem uma educação bilíngue para seus filhos, sendo que, geralmente, a segunda língua escolhida é o inglês. Nesse contexto, surgem escolas de imersão em inglês, com o intuito de que a criança cresça bilíngue, mesmo que não fale a segunda língua em casa⁴.

Ao mesmo tempo, observamos a formação e expansão de outras formas importantes de educação bilíngue. Por exemplo, as escolas bilíngues de educação indígena⁵, nas quais as crianças podem ter sua escolarização em sua(s) língua(s) materna(s), ao lado do português,

² Associação para o plurilinguismo precoce em pré-escolas e escolas – tradução nossa

³ Positives Echo auf Fachtag am 9. mai Hamburg "Mehrsprachigkeit – Wege zur zweisprachigen Kita und Schule"

⁴ Segundo a Revista Veja (22/08/07): "Desde 2005 foram abertas quarenta novas escolas de alfabetização simultânea em dois idiomas no país – um aumento de 25% em dois anos. De acordo com os dados do Ministério da Educação (MEC), nesse mesmo período o número de escolas convencionais em nada se alterou. A escolha do inglês como segundo idioma é avassaladora e chega a 90%." (p. 101)

⁵ Artigo publicado no portal do Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística (IPOL): OLIVEIRA, G.M. Índios urbanos no Brasil, Disponível em <<http://www.ipol.org.br>>, consultado em 21/02/2008.

aprendido com a perspectiva de desenvolver um Bilinguismo Aditivo⁶. Oliveira (2008) explica que essa nova concepção de educação escolar indígena instaurou-se nos anos 1990, possibilitando uma política linguística que permite a manutenção da língua indígena de cada povo (lembrando que não se trata simplesmente de uma língua indígena, mas de aproximadamente 180), a transformação ou não da mesma em língua escrita, o desenvolvimento de novos campos de uso (como no campo lexical ou terminológico) e o ensino do português como língua estrangeira numa perspectiva aditiva. Segundo o autor (Oliveira, op cit):

Esta política educacional, com sua contraparte em uma política linguística e em uma política cultural, está sendo gerada em várias experiências de escolas indígenas diferenciadas, bilíngues, interculturais, com professores indígenas, hoje em processo de expansão entre vários povos em diversas regiões do país. (p. 5)

Também há um projeto de expansão das escolas bilíngues português-espanhol nas fronteiras do Brasil com países da América Latina, intitulado "Projeto Escola Intercultural Bilíngue de Fronteira", e que, em 2009, contará com Uruguai, Paraguai e Venezuela, além da Argentina, parceria pioneira desde 2005. Nessa escola, há o revezamento entre professores brasileiros, que vão dar aulas do outro lado da fronteira, e professores de lá que vêm dar aulas para alunos brasileiros. O projeto visa reforçar o aprendizado das línguas e fortalecer os laços culturais e de amizade no âmbito do Mercosul⁷.

Outra manifestação do maior contato entre línguas em nosso país pode ser observada no processo de revitalização de línguas de emigração, como o alemão no Rio Grande do Sul. Segundo matéria do IPOL, o número de instituições que oferecem o idioma quintuplicou nos últimos dez anos. O aumento teria sido motivado por uma atenção ao futuro profissional, representando um diferencial no currículo, e pela valorização cultural de um dos povos colonizadores da região⁸.

Assim, concluímos que é crescente a quantidade de crianças que se desenvolvem em contexto bilíngue (e bicultural) em nosso país, bem como a necessidade de se produzir conhecimento acerca das conseqüências do "crescer bilíngue" para o desenvolvimento da criança.

⁶ Quando a segunda língua é aprendida, e a primeira é mantida.

⁷ Matéria publicada no portal do Ministério da Educação (MEC): LORENZONE, I. Em 2009, escolas do Uruguai, Paraguai e Venezuela integram programa. Disponível em <<http://www.mec.gov.br>>, acessado em 13/10/2008.

⁸ Artigo publicado no portal do Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística (IPOL): Língua alemã conquista espaço nas escolas do RGS. Disponível em <<http://www.ipol.org.br>>, acessado em 13/04/2005.

Estudos sobre o tema "Bilinguismo" vêm sendo realizados há algumas décadas em outros países, como nos mostra o levantamento apresentado por Milroy e Muysken (1995) acerca do histórico das pesquisas sobre Bilinguismo. A título de exemplo, os autores comentam que Werner Leopold, em 1939, já estudava a aquisição concomitante inglês-alemão de sua filha segundo o método "uma pessoa, uma língua", estando atento a questões como a separação entre as línguas, a influência do interlocutor, a competência linguística do bilíngue, a influência da língua dominante na mais fraca. Lambert, em 1972, considerando a questão a partir de uma perspectiva sócio-psicológica, já pesquisava o assunto a partir de técnicas da psicologia social. Mackey, em 1972, fazia considerações sobre a esfera política e o estudo da diversidade de situações bilíngues ao redor do mundo, estudando o Bilinguismo a partir de uma dimensão política e sociolinguística. Paradis, em 1978, já fazia o estudo do Bilinguismo a partir de uma perspectiva neurolinguística.

1. Diferentes perspectivas de estudo do Bilinguismo

O fenômeno do Bilinguismo pode ser considerado a partir de diversas perspectivas. Diferentes autores trazem recortes particulares dessas dimensões. Li Wei (op cit), por exemplo, organizou uma obra referência na área de estudos sobre o Bilinguismo, intitulada *The Bilingualism Reader*, na qual classifica três dimensões importantes a partir das quais se estudar o fenômeno, trazendo artigos básicos em cada uma delas: (1) Sociolinguísticas, referentes a estudos sobre a escolha das línguas, diglossia⁹ e Bilinguismo, interação social e *Code-switching*; (2) Linguísticas, referentes a estudos sobre a gramática do *Code-switching* e à aquisição da linguagem por crianças bilíngues; (3) Psicolinguísticas, referentes a estudos sobre o cérebro bilíngue e ao processamento de discurso pelo bilíngue.

Katchan (1986), por sua vez, apresenta revisão de literatura que pode ser entendida como pertencente à dimensão cognitivo-linguística. Dentro da abordagem cognitiva, Bialystok é uma pesquisadora de destaque, com diferentes obras e revisões de literatura sobre influências do Bilinguismo sobre o desenvolvimento cognitivo, abordado de diferentes maneiras.

⁹ "Uma situação em que duas variedades de uma língua ou duas línguas diferentes ocorrem em uma comunidade linguística, cada uma com uma gama diferente de funções sociais." – Tradução nossa para: "A situation in where two different varieties of a language or two distinct languages co-occur in a speech community, each with a distinct range of social functions." (Wei, op cit:495)

Segundo diferentes pesquisadores do tema Bilinguismo (como Bialystok 2001/2006; Baker e Prys-Jones, 1998; Hamers e Blanc, 1982/2003; Katchan, 1986), é possível encontrarem-se pesquisas com resultados bastante diferentes, até mesmo contraditórios, ressaltando a importância de se fazer revisões de pesquisas, o que inclui uma leitura crítica das mesmas, comparando-as, estudando as relações entre elas, para somente então encontrar pontos passíveis de serem generalizados. Bialystok (op cit) e Hamers e Blanc (op cit) são exemplos desse olhar comparativo entre diferentes conjuntos de pesquisas, e buscam chegar a conclusões um pouco mais gerais acerca do Bilinguismo e suas conseqüências para o desenvolvimento infantil.

Nesse contexto, é fundamental que levemos em conta o tipo de Bilinguismo estudado em cada pesquisa, uma vez que resultados referentes a uma determinada configuração de Bilinguismo não serão necessariamente válidos para outros tipos de Bilinguismo. Mas o que quer dizer "diferentes configurações ou tipos de Bilinguismo"?

2. O que é Bilinguismo?

A resposta a tal questionamento, num primeiro momento, pode parecer simples. Porém, tal impressão se desfaz assim que refletimos mais demoradamente sobre o assunto. "Bilinguismo" representa uma infinidade de quadros diferentes, os quais remetem à esfera social, política, econômica, individual, à aceitação e valorização de cada uma das línguas faladas e das culturas com as quais se relacionam, à exposição e experiência com a língua, entre outros fatores. São inúmeras as configurações que levam ao "mesmo" ponto: "Bilinguismo".

Segundo Butler e Hakuta (2004), não há um consenso entre os pesquisadores acerca de uma definição de Bilinguismo. Os autores apresentam alguns exemplos da diversidade de definições possíveis. Uma definição bastante restritiva é a de Blommfield, segundo a qual o bilíngue seria uma pessoa que tem "controle de duas línguas semelhante ao de um nativo"¹⁰. (1933:56¹¹, apud Butler e Hakuta, op cit:114). Tal definição, além de incluir somente uma parcela das pessoas que dominam duas línguas, levanta alguns problemas: quais os critérios para se julgar a proficiência de alguém como "semelhante a de um nativo"? O que é a proficiência de um nativo?

Além disso, como apontam Baker e Prys Jones (op cit), como classificar, por exemplo, alguém que entende o que é dito, mas não sabe falar uma segunda língua? Ou alguém que sabe falar e entender, mas não escrever na segunda língua? Naturalmente, essas pessoas

¹⁰ "native-like control of two languages"

¹¹ Bloomfield, L. (1933). *Language*. London: Allen and Unwin.

podem ser consideradas bilíngues, dependendo do critério adotado para se caracterizar o Bilinguismo.

Por outro lado, é possível encontrarmos definições bastante amplas, como a de Haugen, segundo a qual Bilíngue é uma pessoa que "consegue produzir sentenças completas significativas em outra língua."¹² (Haugen¹³, 1953:7, apud Butler e Hakuta, op cit:114). Esta definição engloba até mesmo aprendizes de uma segunda língua nos estágios iniciais de contato com a mesma. Butler e Hakuta apontam que uma vantagem das definições mais amplas é o fato de elas abarcarem o processo de desenvolvimento inerente ao Bilinguismo, sem fixá-lo em um momento específico, como o da proficiência máxima nas duas línguas, por exemplo.

Importante acrescentar que, hoje em dia, faz-se uma diferenciação entre um nível individual de Bilinguismo (indivíduo bilíngue), chamado por Hamers e Blanc (op cit) de "Bilingualidade", e um nível social de Bilinguismo (sociedade bilíngue). No presente artigo, o termo Bilinguismo é usado no sentido do Bilinguismo individual (ou Bilingualidade).

Concordamos com Spolsky (1998) quando este afirma que o fato de várias realidades diferentes serem entendidas sob o termo *Bilinguismo* leve a confusão, propondo que, ao invés de se apresentar várias definições de Bilinguismo, que se selecione critérios que impliquem naturezas diferentes de Bilinguismo. É o que apresentaremos a seguir.

2.1. Definições de Bilinguismo segundo critérios específicos

Butler e Hakuta (op cit) definem Bilinguismo como "um comportamento linguístico psicológico e sócio-cultural complexo com aspectos multidimensionais"¹⁴ (p. 114). Assim, uma classificação dentro do campo do Bilinguismo depende, entre outras coisas, da dimensão a partir da qual se trata a questão. Na perspectiva desses autores, há quatro dimensões gerais, a partir das quais se definem critérios para se considerar uma pessoa bilíngue: a linguística, a cognitiva, a desenvolvimental e a social. Cada critério de definição de Bilinguismo abre a possibilidade de levantamento de diferentes hipóteses a serem pesquisadas, referentes a campos de observação específicos.

¹² "can produce complete meaningful utterances in the other language"

¹³ Haugen, E. (1953). *The Norwegian Language in America*. Philadelphia: University of Pensilvania Press.

¹⁴ "a complex psychological and socio-cultural linguistic behavior and has multi-dimensional aspects"

2.1.1. Critério "proficiência nas línguas em questão"

Por exemplo, dentro da dimensão linguística, um critério pode ser a relação entre a proficiência nas línguas em questão. A partir desse critério, é possível se classificar os bilíngues em balanceados¹⁵ (proficiência similar nas duas línguas) ou dominantes¹⁶ (proficiência maior em uma língua do que em outra). Butler e Hakuta (op cit) esclarecem que essa diferenciação foi proposta por Peal e Lambert (1962). Tal definição possibilitou a formulação da "Hipótese do Limiar"¹⁷, desenvolvida por Cummins, segundo a qual vantagens cognitivas estariam relacionadas à boa proficiência balanceada em ambas as línguas. Porém, tal hipótese apresenta uma lacuna na questão da conceitualização e do acesso à proficiência do indivíduo nas duas línguas. Estes últimos, por sua vez, estão atrelados à perspectiva teórica adotada para discutir o fenômeno do Bilinguismo.

2.1.2. Critério "idade de aquisição da segunda língua"

Dentro da dimensão desenvolvimental, um critério pode ser a idade de aquisição da segunda língua. Segundo ele, é possível classificar indivíduos bilíngues em precoces¹⁸ (aquisição de segunda língua na infância) ou tardios¹⁹ (aquisição de segunda língua na adolescência ou na idade adulta). Dentro do grupo de bilíngues precoces, é importante a diferenciação entre o Bilinguismo Simultâneo (quando as duas línguas são adquiridas ao mesmo tempo) e o Sequencial (quando a aquisição da segunda língua se inicia quando a aquisição da primeira língua já está completa). Butler e Hakuta (op cit) apontam que tal definição levanta a questão acerca da existência de um período crítico, ou seja, uma idade limite para que a aquisição da língua seja possível²⁰. Também possibilita a verificação de hipóteses de pesquisa dentro da perspectiva neurológica, buscando diferenças na organização cerebral de acordo com tais critérios de Bilinguismo.

Por exemplo, partindo do critério "idade de aquisição", pesquisas atuais na área do funcionamento cerebral (Hull e Vaid, 2006; Hull e

¹⁵ *Balanced bilingual*

¹⁶ *Dominant bilingual*

¹⁷ *Threshold Hypothesis*

¹⁸ *Early bilingual*

¹⁹ *Late bilingual*

²⁰ Os próprios autores esclarecem, ao discutirem a questão do fator idade na aquisição da segunda língua, que ainda não se chegou a uma resposta definitiva acerca da existência de um período crítico para a aquisição da segunda língua. Dentre os que defendem a existência de um período crítico, não há um consenso acerca da idade em que a possibilidade de aquisição da língua se "fecharia".

Vaid, 2007) apontam que bilíngues precoces apresentaram um envolvimento hemisférico bilateral ao usar uma língua, enquanto monolíngües e bilíngues tardios teriam a dominância de um dos hemisférios. Tal lateralização funcional mostrou-se primordialmente influenciada pela idade em que o Bilinguismo teve início (aquisição da segunda língua antes dos 6 anos de idade).

2.1.3. Critério "organização dos códigos lingüísticos"

A partir da dimensão cognitivo-lingüística, um critério possível refere-se ao modo pelo qual o indivíduo organiza seus dois (ou mais) códigos lingüísticos. Butler e Hakuta (op cit) explicam a diferenciação proposta por Weinreich entre Bilinguismo Composto²¹, Coordenado²² e o Subordinado²³: No Bilinguismo Composto, dois conjuntos de códigos lingüísticos, como "gato" e "cat", estão relacionados a uma mesma unidade de significado. No Bilinguismo Coordenado, cada código lingüístico estaria organizado separadamente, em dois conjuntos de unidades de significado. No Bilinguismo Subordinado, os códigos lingüísticos da segunda língua seriam interpretados por meio da primeira. Butler e Hakuta (op cit) apontam que tal definição apresenta dificuldades quanto à operacionalização de tais distinções, bem como quanto à forma de avaliação (teste) de tais diferenças.

Hamers e Blanc (op cit) atribuem tal diferenciação a Ervin & Osgood (1954). Concordam com a questão da dificuldade operacional, mas também relatam que foram encontradas correlações entre o tipo de organização cognitiva e a "saciedade semântica"²⁴, atividade que "controla o efeito da repetição contínua de uma palavra sobre o significado da mesma"²⁵ (Hamers e Blanc, op cit:164). Nesse contexto, os autores (Hamers e Blanc, op cit) afirmam que Jakoovitz e Lambert (1961,1967) demonstraram que o nível de saciedade semântica para a tradução de equivalentes é maior em bilíngues compostos do que em coordenados.

Hamers e Blanc (op cit) acrescentam que, embora haja uma alta correlação entre o tipo de organização cognitiva e a idade e o contexto de aquisição, não se trata de uma ligação necessária entre tais fatores. De qualquer forma, é mais provável que uma pessoa que adquira as duas línguas desde criança num mesmo contexto tenha uma única representação cognitiva para duas representações lingüísticas

²¹ *Compound Bilingual*

²² *Coordinate Bilingual*

²³ *Subordinate Bilingual*

²⁴ *Semantic satiation*

²⁵ "controls the effect of continuous repetition of a word on its meaning".

equivalentes, enquanto alguém que aprendeu uma segunda língua num contexto diferente da primeira provavelmente terá uma organização coordenada, ou seja, terá representações separadas para duas representações linguísticas equivalentes. Hamers e Blanc (op cit) propõem que a distinção composto-coordenado seja vista como uma distribuição ao longo de um contínuo, variando de um indivíduo bilíngue para outro, influenciado pela experiência de aquisição da língua e por certas características das palavras²⁶.

2.1.4. Critério "status das línguas em questão"

Dentro da dimensão social, um critério pode ser o do *status* das línguas dentro da sociedade em questão. A partir desse critério, Fishman (*apud* Butler e Hakuta, op cit) define o Bilinguismo de Elite²⁷ como referente a indivíduos que falam a língua dominante naquela sociedade e uma segunda língua que lhes confere um prestígio adicional dentro dessa sociedade. O Bilinguismo Popular²⁸ refere-se a grupos lingüísticos minoritários cuja língua de origem não tem um *status* elevado na sociedade em que vivem.

2.1.5 Critério "manutenção da língua materna"

Uma diferenciação fundamental é a originalmente feita por Lambert (*apud* Butler e Hakuta, op cit) segundo o critério manutenção da língua materna ao se adquirir uma segunda língua. A partir desse critério, Lambert diferenciou entre o Bilinguismo Aditivo, aquele no qual a segunda língua é adquirida sem perda de proficiência na primeira, e o Bilinguismo Subtrativo, aquele no qual a segunda língua é adquirida às custas da primeira, ou seja, ao adquirir uma segunda língua, perde-se a proficiência na primeira. Butler e Hakuta (op cit) salientam que "para ser um bilíngue aditivo, as duas línguas aprendidas pelo bilíngue devem ser valorizadas na sociedade em que ele reside"²⁹(p. 118), mostrando, assim, como as dimensões a partir das quais se interpretar o Bilinguismo se entrecruzam.

²⁶ Segundo Hamers e Blanc, um sujeito bilíngue tem uma organização mais composta para palavras concretas e mais coordenada para palavras abstratas. Além disso, citam Opoku (1983) afirmando que o sistema representacional do bilíngue não é estável ao longo do tempo, mas evolui, particularmente quando as experiências com as duas línguas são diferentes. (*apud* Hamers e Blanc, op cit:166/167)

²⁷ *Elite Bilingual*

²⁸ *Folk Bilingual*

²⁹ "To be additive bilinguals, both of the languages learned by bilingual individuals must be valued in the society in which they reside."

2.1.6 Critério "identidade cultural do indivíduo bilíngue"

Butler e Hakuta (op cit) comentam ainda a diferenciação entre Bilingüalidade Bicultural, Monocultural L1, Aculturada L2 e Deculturada³⁰ feita por Hamers & Blanc, cujo critério é a identidade cultural do indivíduo. Hamers e Blanc (op cit) explicam que um bilíngue pode se identificar positivamente com os dois grupos culturais que falam as suas línguas e ser reconhecido como membro em cada um desses grupos, o que configuraria uma Bilingualidade Bicultural. Acrescentam que, geralmente, um Bilinguismo balanceado é acompanhado de um biculturalismo balanceado, mas essa não é uma relação necessária.

Assim, uma alta competência bilíngue nem sempre significa uma identidade cultural com pertencimento cultural duplo. Por exemplo, a Bilingualidade Monocultural-L1 ocorre quando o indivíduo é bilíngue, mas sua identidade cultural está vinculada somente ao grupo de sua língua materna. Há casos em que o Bilinguismo está vinculado à renúncia à identidade cultural do grupo de sua língua materna e à adoção da identidade cultural do grupo de sua segunda língua, o que configura uma Bilingualidade Aculturada-L2. Finalmente, há casos ainda em que a pessoa abdica de sua identidade cultural própria, mas, ao mesmo tempo, não se identifica com o grupo cultural de sua segunda língua, o que resulta na chamada Bilingualidade Deculturada.

Essa classificação baseia-se no conceito de Aculturação, que é definida por Berry, Dasen, Poortinga e Segal (1992/2006) como um fenômeno que ocorre quando duas culturas diferentes entram em contato, por exemplo, em situações de e/imigração. Berry, Phinney, Sam e Vedder (2006), em recente pesquisa internacional (os dados referem-se a 26 contextos culturais diferentes, em 13 países que receberam grupos de imigrantes) sobre aculturação e adaptação de jovens imigrantes, relatam ter encontrado um claro padrão de relações, segundo o qual estar envolvido com as duas culturas promoveu a melhor adaptação psicológica e sócio-cultural, enquanto não estar envolvido com nenhuma das culturas, ou estar confuso sobre sua própria situação, indetermina as duas formas de adaptação.

3. Consideração da complexidade inerente à definição de Bilinguismo

Naturalmente, a diversidade de definições possíveis para o Bilinguismo também é discutida por outros autores, trazendo questionamentos, definindo critérios e localizando campos a partir dos quais se observar o referido fenômeno. Por exemplo, Baker e Prys-Jones

³⁰ *Bicultural bilinguality, L1 monocultural bilinguality, L2 acculturated bilinguality, deculturated bilinguality* (Hamers & Blanc, op cit:26, tradução nossa).

(op cit) levantam uma série de questões a serem consideradas ao se definir Bilinguismo, tais como: a proficiência linguística deveria ser o único critério? A auto-percepção e o auto-julgamento devem ser levados em consideração na definição de Bilinguismo? Bilinguismo é um estado que varia ao longo do tempo e de acordo com as circunstâncias? O que pensar de uma pessoa que não fala uma segunda língua, mas entende tudo o que é dito?

Wei (op cit) apresenta uma lista de “tipos de Bilinguismo”, a partir da qual se pode pensar em diferentes critérios, que deixa clara a multiplicidade de definições possíveis. Por exemplo, dentro do critério *status* das línguas envolvidas, apresenta as definições de Bilinguismo Vertical³¹ (no qual uma das línguas é oficial e a outra é diferente, aparentada, ou um dialeto) e Bilinguismo Horizontal³² (situação na qual as duas línguas têm *status* similar).

Hamers e Blanc (op cit) também salientam o caráter multidimensional do Bilinguismo e consideram seis critérios para definir tipos de Bilingualidade: competência relativa; organização cognitiva; idade de aquisição; presença da segunda língua na comunidade e no ambiente; status relativo das duas línguas; identidade cultural e pertencimento ao grupo. Mackey (1962/2006) aponta que, ao se definir Bilinguismo, quatro pontos devem ser considerados: grau de proficiência, função e uso das línguas; alternância de código; interferência entre línguas.

É muito importante que se tenha clareza da complexidade do tema Bilinguismo, o que se reflete diretamente na construção da metodologia de pesquisa a ser desenvolvida, bem como na interpretação dos resultados de pesquisas na área.

4. Por que é importante levar em consideração as diferentes definições de Bilinguismo?

Em nosso ponto de vista, a consideração da diversidade de critérios possíveis para se classificar a Bilingualidade é fundamental para quem trabalha com Bilinguismo e educação bilíngue, seja num âmbito teórico-acadêmico, seja num contexto prático. Isto porque diferentes tipos de Bilinguismo (ligados a diferenças individuais e de contexto social, cultural, econômico, valorativo, afetivo) podem estar relacionados a diferentes conseqüências possíveis em vários campos, como, por exemplo, uso e proficiência das diferentes línguas, controle inibitório e seleção de atenção. Resultados referentes a uma

³¹ *Vertical bilingual*

³² *Horizontal bilingual*

configuração de Bilinguismo não serão necessariamente válidos para outras.

Assim, ao se configurar uma pesquisa ou ao se entrar em contato através da mídia com resultados de pesquisas na área, é fundamental que se tenha clareza de qual o tipo de Bilinguismo pesquisado, não generalizando resultados referentes a um tipo de Bilinguismo para outras configurações. Nem sempre é possível o acesso às características do Bilinguismo estudado em determinada pesquisa, o que não anula a necessidade de se evitar generalizações indevidas.

Já comentamos que, ao considerarmos o Bilinguismo a partir de uma perspectiva neurolinguística, é fundamental levarmos em conta o critério "idade de aquisição". Isso fica claro, por exemplo, na pesquisa de Hull e Vaid (2007), na qual concluíram que os sujeitos cuja aquisição da segunda língua aconteceu antes dos 6 anos de idade apresentaram um envolvimento hemisférico bilateral ao usar uma língua, enquanto monolíngües e bilíngües tardios mostraram a dominância de um dos hemisférios.

Também já apontamos como o critério "identidade cultural do indivíduo bilíngüe", relacionado às estratégias de aculturação por ele adotada, pode dar origem a diferentes tipos de bilingualidade. Relacionando tal classificação aos resultados encontrados por Berry et alli (2006), podemos concluir que a bilingualidade bicultural, aquela em que o sujeito se identifica positivamente com os dois grupos culturais, relaciona-se a uma melhor adaptação psicológica e sócio-cultural, enquanto a bilingualidade deculturada, casos em que não há uma identificação positiva nem com a cultura de origem, nem com o grupo cultural de sua segunda língua, estaria relacionada a uma pior adaptação psicológica e sócio-cultural.

Um critério de classificação fundamental envolvendo a manutenção da língua materna e a valorização das línguas em questão é aquele que diferencia entre a Bilingualidade Aditiva e a Subtrativa. Hamers e Blanc (op cit) afirmam:

[...] se as duas línguas forem suficientemente valorizadas, o desenvolvimento cognitivo da criança derivará um benefício máximo da experiência bilíngüe, que atuará como uma estimulação enriquecida levando a uma maior flexibilidade cognitiva em comparação com os pares monolíngües. Por outro lado, se o contexto sócio-cultural é tal que a língua materna seja desvalorizada no ambiente que circunda a criança, seu desenvolvimento cognitivo pode ficar atrasado em comparação

com seus pares monolíngues. Em casos extremos, a criança bilíngue pode não estar apta a superar esse atraso³³. (p. 29)

Importante ressaltar que, na citação acima, o autor afirma que determinado contexto sócio-cultural pode levar a determinados resultados, mas não que leva necessariamente a esse resultado. Vale a pena acrescentar que, hoje em dia, muitas pesquisas apontam para vantagens cognitivas vinculadas ao Bilinguismo Aditivo, e elas não devem ser generalizadas para o Bilinguismo Subtrativo. Nesse contexto, uma dificuldade importante é a de controlar variáveis poluidoras dos resultados, uma vez que o Bilinguismo Subtrativo geralmente acontece em situações de e/imigração que implicam em inúmeras configurações possíveis. Essas envolvem, dentre outros fatores, a valorização da língua e da cultura de origem pelo país para o qual emigraram, pela sociedade em geral, pela comunidade mais próxima e pela própria família, o *status* das línguas e culturas em questão, o nível sócio-econômico, o nível sócio-cultural, a rede social formada no novo país pelos que emigraram.

Olga Katchan (op cit), afirma que, levando-se em consideração a enorme diversidade de situações envolvidas ao considerarmos o tema Bilinguismo, o mais aconselhável é o estudo de situações específicas de Bilinguismo e possíveis conseqüências dessas situações em determinados aspectos do desenvolvimento, deixando de considerar o Bilinguismo *em si*, e considerando-o *em contexto*.

5. Indivíduo bilíngue

Um mesmo indivíduo pode ser classificado em diferentes definições de Bilinguismo, dependendo da perspectiva adotada. Por exemplo, uma criança cujo pai é inglês, a mãe brasileira, fale com o pai em inglês e com a mãe em português, tenha boa proficiência nas duas línguas e viva num ambiente em que as duas culturas coexistem e são valorizadas. Ela pode ser classificada como bilíngue precoce, simultâneo, aditivo. Por outro lado, uma criança brasileira que emigre com a família para os EUA aos 5 anos de idade, ingresse numa escola monolíngue em inglês e venha a perder a proficiência no português (o que pode

³³ "if the two languages are sufficiently valued, the child's cognitive development will derive maximum benefit from the bilingual experience, which will act as an enriching stimulation leading to greater cognitive flexibility compared to his monolingual counterpart; on the other hand, if the socio-cultural context is such that the mother tongue is devalued in the child's environment, his cognitive development may be delayed in comparison with a monolingual peer's; in extreme cases, the bilingual child may not be able to make up for this delay."

acontecer, mas não é necessário que aconteça), pode ser classificada como precoce, seqüencial, subtrativo.

6. Bilinguismo: um processo contínuo

Valdés e Figueroa (1996) grifam que, independente da definição que se escolha, é necessário considerar-se o Bilinguismo como um processo contínuo, e os indivíduos bilíngues movendo-se nesse contínuo, ou seja, alterando o tipo de Bilinguismo. Os conceitos de bilíngue ascendente³⁴ e bilíngue dormente³⁵ expressam bem essa mobilidade. Segundo Wei (op cit), bilíngue ascendente diz respeito a alguém cuja habilidade em funcionar numa segunda língua está se desenvolvendo rumo ao aprimoramento do uso dessa língua. Já o bilíngue dormente refere-se a alguém que emigrou para um país estrangeiro por um período de tempo considerável e tem pouca oportunidade de manter sua primeira língua ativamente em uso.

Um contexto no qual a mobilidade do Bilinguismo se faz explícita é no caso da criança em desenvolvimento. Uma criança que até os três anos teve contato com uma única língua e ingressa em uma escola de imersão em língua estrangeira, provavelmente passará por um período de Bilinguismo Receptivo³⁶ (alguém que entende uma segunda língua, em suas formas falada, escrita ou em ambas, mas não necessariamente fala ou escreve nessa língua), depois por um Bilinguismo Dominante, podendo vir se transformar num Bilíngue Balanceado com boa proficiência.

7. Conclusões

Bilinguismo é um tema de estudo cada vez mais relevante nos dias de hoje. Tal relevância é uma decorrência natural da internacionalização do mundo atual, impulsionada pela globalização, revolução nas comunicações eletrônicas, aumento de migrações voluntárias e movimento de revitalização de línguas minoritárias.

O Bilinguismo pode ser estudado a partir de diferentes perspectivas, como a linguística, a cognitiva, sociolinguística, somente para dar alguns exemplos. A própria definição de Bilinguismo é multifacetada e depende da perspectiva adotada de modo geral, e mais especificamente, do critério adotado para a classificação do Bilinguismo

³⁴ *Ascendant bilingual*

³⁵ *Dormant bilingual*

³⁶ *Receptive bilingual*

de determinado sujeito. No presente artigo, apresentamos alguns exemplos de critérios, dentre eles aqueles referentes à idade de aquisição, à identidade cultural do indivíduo bilíngue, à manutenção da língua materna e à proficiência nas línguas em questão.

Isso porque, em nosso ponto de vista, é crucial que se tenha clareza do critério segundo o qual se define o Bilinguismo estudado, sobretudo ao se formular as hipóteses e objetivos do trabalho, bem como ao se elaborar a metodologia de pesquisa a ser empregada. Reunir diferentes tipos de Bilinguismo num mesmo grupo a ser estudado pode adulterar totalmente os resultados e as conclusões às quais se chega.

Também consideramos fundamental se levar em conta a diversidade de definições de Bilinguismo ao se divulgar pesquisas sobre o tema. Generalizar os resultados referentes a um tipo de Bilinguismo para os outros é também inadequado, podendo culminar em conclusões equivocadas. A necessidade de pesquisas envolvendo o Bilinguismo Subtrativo, em contraposição ao Aditivo, é um exemplo da importância de se considerar seriamente o tipo de Bilinguismo ao se pesquisar e divulgar o assunto.

É importante lembrar que a Bilingualidade de um indivíduo pode ser classificada segundo vários critérios concomitantemente, e que o Bilinguismo é um processo contínuo, em constante transformação, e não um dado estático, imutável. Assim, uma criança de 3 anos que hoje seja classificada como bilíngue precoce, seqüencial, receptivo, pode ser classificada no futuro como bilíngue precoce, sequencial, balanceado com boa proficiência, por exemplo. Ou um adulto que hoje seja classificado como um bilíngue balanceado, que emigre para um lugar onde só se comunique em sua segunda língua, no futuro pode vir a ser classificado como um bilíngue dormente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKER, C.; PRYS JONES, S. *Encyclopedia of Bilingualism and Bilingual Education – School or Education*. University of Wales, Bangor: Multilingual Matters Ltd, 1998.

BERRY, J.W.; PHINNEY, J.S.; SAM, D.L. e VEDDER, P. Immigrant Youth: Acculturation, Identity, and Adaptation. *Applied Psychology: An International Review*, 55 (3): 303-332, 2006.

BERRY, J.W.; DASEN, P.R.; POORTINGA, Y.H.; SEGALL, M.H.; *Cross-cultural Psychology: Research and Applications*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992/2006.

BIALYSTOK, E. *Bilingualism in Development: Language, Literacy & Cognition*. Nova York: Cambridge University Press, 2001/2006.

BUTLER, Y. G.; HAKUTA, K. Bilingualism and Second language Acquisition. In: BHATIA, T.K.; RITCHIE, W.C. *The Handbook of Bilingualism*. United Kingdom: Blackwell Publishing, 2004.

DÍAZ, R.M.; ESPINOSA, L.; RODRÍGUES, L.; WINSLER, A. When Learning a Second Language Does Not Mean Losing the First: Bilingual Language Development in Low-Income, Spanish-Speaking Children Attending Bilingual Preschool. *Child Development*, 70 (2): 349-362, March/April 1999.

FIGUEROA, R.A.; VALDÉS, G. *Bilingualism and Testing: A Special Case of Bias*. Norwood, New Jersey: ALEX Publishing Corporation, 1996.

GENESEE, F. What do we know about Bilingual Education for Majority-Language Students?. In: BHATIA, T.K.; RITCHIE, W.C. *The Handbook of Bilingualism*. United Kingdom: Blackwell Publishing, 2004.

BLANC, M.H.A.; HAMERS, J.F. *Bilinguality and Bilingualism*. UK: Cambridge University Press, 1983/2003.

HULL, R.; VAID, J. Laterality and language experience. *Laterality: Asymmetries of Body, Brain and Cognition*, 11 (5): 436-464, Sep 2006.

_____. Bilingual language lateralization: A meta-analytic tale of two hemispheres. *Neuropsychologia*, v. 45 (9), p. 1987-2008, 2007.

KATSCHAN, O. Early Bilingualism: Friend or Foe?. In: KURCZ, I.; SHUGAR, G.W.; DANKS, J.H. (Ed). *Knowledge and Language*. Amsterdam: Elsevier Science Publishers, 1986.

MACKEY, W.F. The description of bilingualism. In: WEI, LI (Ed). *The Bilingualism Reader*. London and New York: Routledge, 2000/2006. Publicação original: MACKEY, W.F. The Description of Bilingualism. *Canadian Journal of Linguistics*, 7: 51-85, 1962.

MILROY, L.; MUYSKEN, P. *One speaker, two languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

SPOLSKY, B. *Sociolinguistics*. OUP, 1998.

WEI, L. *The Bilingualism Reader*. London and New York: Routledge, 2000/2006.

REVISTAS/JORNAIS

FMKS (Verein für frühe Mehrsprachigkeit an Kindertageseinrichtungen und Schulen e.V - Associação para o plurilingüismo precoce em Pré-escolas e Escolas). Positives Echo auf Fachtag am 9. mai Hamburg "Mehrsprachigkeit – Wege zur zweisprachigen Kita und Schule. Presseinformation 10.05.2007. Disponível em <www.fmks-online.de>, acessado em junho/2007.

INTERNET

OLIVEIRA, G.M. "Índios urbanos no Brasil". Disponível em <<http://www.ipol.org.br>> [portal do Instituto de Investigação e

Desenvolvimento em Política Linguística (IPOL)] acessado em 21/02/2008.

LORENZONI, I. "Em 2009, escolas do Uruguais, Paraguai e Venezuela integrarão programa". Disponível em < <http://www.mec.gov.br> > [portal do Ministério da Educação (MEC)] acessado em 13/10/2008.

"Língua alemã conquista espaço nas escolas do RGS". Disponível em <<http://www.ipol.org.br>> [portal do Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística (IPOL)], acessado em 13/04/2005.